

Presépio figurativo da Achadinha com casas e locais emblemáticos da localidade

Foto: DR



No próximo dia 8 de Dezembro, pelas 14h00, no Salão Paroquial da Freguesia da Achadinha, terá lugar a inauguração do Presépio figurativo, evento que se realiza pelo quarto ano consecutivo e promovido pela Junta de Freguesia.

Iniciativa de José Pacheco Medeiros e do actual Presidente de Junta, António José Cabral de Medeiros, foi armado, pela primeira vez, na Casa de João de Melo, escritor natural desta freguesia de Achadinha.

Mais casas da freguesia da Achadinha, locais emblemáticos e monumentos da localidade farão parte deste presépio, para além de novas imagens de barro, adquiridas por esta autarquia na Oficina -Museu das Capelas.

No ano passado registaram-se cerca de 3.000 visitas, número que se pretende ampliar este ano.

Aberto de 8 de Dezembro a 28 de Janeiro, o presépio terá o seguinte horário: em Dezembro, de Segunda à Sexta-feira, das 13h00 às 18h00. Sábados, domingos e feriados das 13:00 às 19h00. No mês de Janeiro, de Segunda à Sexta-feira, das 13h00 às 16h00, e sábados, domingos e feriados das 13h00 às 18h00.

Sendo o presépio um dos ex-libris do Natal, daqui lançamos um convite à população desta nossa ilha para que visite um presépio que pretende ser diferente, mantendo, no entanto, as especificidades que o caracterizam - a família do Deus -Menino em cabana ofertada ao homem de todos os tempos e lugares.

Grupo Bensaude abre Sport Zone na ilha do Pico

Fruto da política de expansão do Grupo Bensaude na Unidade de Negócio Distribuição, através da INSCO, abre dia 11 de Dezembro pelas 11 horas a nova loja Sport Zone da Madalena.

Localizada na rua Carlos Dabney, a nova Sport Zone, segundo este grupo empresarial, tem uma localização privilegiada com fáceis acessos e com estacionamento privativo para clientes.

A abertura da Sport Zone, insignia da SONAE, explorada pela INSCO nos Açores, alarga assim a oferta de material desportivo aos habitantes da Ilha do Pico, bem conhecida pelas subidas à sua emblemática montanha, com uma gama alargada de outdoor e casual e uma vasta oferta em termos de fitness, running, futebol, ciclismo e outras modalidades.

A nível de serviços, a loja contará com serviços de manutenção e reparação de ciclismo e fitness, serviço de entrega ao domicílio e serviço de encomendas de gama online, acrescentando e complementado com o conhecido Cartão Sport Zone com as habituais campanhas promocionais e campanhas de crédito.

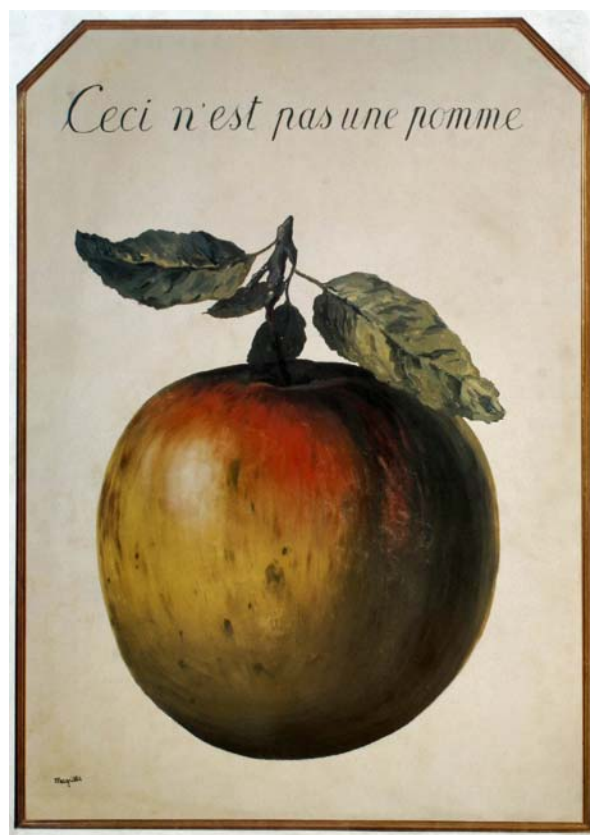
Para as associações e clubes desportivos, a Sport Zone terá disponíveis pacotes especiais de equipamento de treino, facilitando assim o acesso a este tipo de material.

Para assinalar a abertura da loja haverá, ainda, uma campanha de 20% de desconto em cartão Sport Zone que decorrerá de 11 a 15 de Dezembro em toda a loja (excepto bicicletas e equipamentos fitness e com rebote até 24 Dezembro), refere uma nota do Grupo Bensaude.



Por: Diogo Teixeira Dias
Membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada

O risco da aparência



Pintura de René Magritte. Isto não é uma maçã (Galeria de fotos do Windows)

Se os eleitores tivessem a obrigação de medir as consequências das suas escolhas, então a democracia não seria possível.

Não se entenda, com isto, que este artigo é uma apologia às ideologias e correntes antidemocráticas, que a pouco e pouco, entre o silêncio de uns e o excesso de ruído de outros, vão encontrando o seu lugar. Infelizmente a História repete-se e ninguém quer saber.

Pelo contrário. É na identificação das fragilidades dos regimes, que são portas para a liberdade, onde reside a maior força do bem-estar social. É descobrindo e remendando o rombo no casco que se evita o naufrágio.

Os cidadãos do Reino Unido votaram favoravelmente pela denúncia do Tratado da União Europeia, cujo Art. 50º permite a saída unilateral de um dos seus estados-membros, a qualquer altura.

Imediatamente, e após leite derramado, perceberam, a par dos responsáveis políticos, que o impacto negativo a longo prazo da medida iria comportar custos superiores, e de vária ordem, aos dividendos a curto prazo que resultaram do referendo – quaisquer que tenham sido.

Ao momento surgem, para além de questões delicadas relativas à relação de fronteira entre as “Irlandas”, personalidades preeminentes, em defesa à viva voz da reversão do Brexit. Pede-se novo referendo.

Das duas uma: ou os cidadãos não podem ser consultados relativamente às questões fundamentais do seu Estado, ou podem e devem ser consultados, mas a sua opinião só é vinculativa quando conveniente. Em ambas as situações, ameaça-se perigosamente o espírito democrático.

Ou seja, os cidadãos foram consultados, mas aparentemente arrependem-se da sua escolha. Mas

quem é que se arrependeu? Todos? Como saber? Não é o referendo uma manifestação em anonimato? Os dados são de uma sondagem do Daily Mail – o mesmo órgão autor de uma das sondagens que dava vitória ao status quo.

O mesmo jornal que dizia que o Reino Unido não iria sair da União Europeia por vontade dos eleitores, é o mesmo que agora afirma que 50% dos cidadãos britânicos pretendem novo referendo – pouco credível.

Alguém – seja quem for – entende que um referendo só é válido se for convergente e legitimador de uma determinada vontade, usando como força de coletivo a voz da comunicação social. Isto não é democracia.

Democracia é, para além do direito de se fazer uma escolha livre, o dever responsável de arcar com consequências.

Estamos certamente de acordo quando acreditamos que ninguém esperava uma vitória do “Sim” ao Brexit, mas para o mal e para o bem, foi esse o resultado.

Uma reversão da situação, ou um novo referendo, significa um total descrédito do princípio democrático, não obstante de o arrependimento ser legítimo. Mas se quiséssemos só decisões conscientes do seu impacto, não teríamos nem referendos, nem democracia de voto universal: só votaríamos, ou seriam eleitos, os letrados, os competentes, os técnicos, os ricos e os conscientes. A elite oligárquica e tecnocrata. A minoria a decidir pela maioria. Já basta a abstenção. Democracia é poder caminhar – e até correr – sem medo de tropeçar.

O risco mais problemático é o da aparência. Pior que uma ditadura real, é uma democracia a brincar. E o maior rombo da democracia é o “faz de conta”.